

Chega de convulsão

Primeira mulher a integrar a seleção, a psicóloga Suzy Fleury quer acabar com os problemas nervosos do time brasileiro

Sérgio Ruiz Luz e Maurício Cardoso



Foto: Antonio Milena

"Ronaldinho é um exemplo de equilíbrio. Se entra em campo cabisbaixo, há algo de errado"

Na semana passada, a CBF anunciou a mais ambiciosa e numerosa comissão técnica já reunida pela Seleção Brasileira de Futebol. Para auxiliar o técnico Wanderley Luxemburgo na missão de conduzir o time até a Copa de 2002, foram convocados quinze profissionais. A relação inclui pela primeira vez o nome de uma mulher, a psicóloga Suzy Fleury, 39 anos, parceira de Luxemburgo em suas passagens pelo Palmeiras, Santos e Corinthians. Casada com um engenheiro e mãe de um filho de 17 anos, Suzy nasceu no Recife, torce pelo Náutico e costuma aplicar nos clubes técnicas inspiradas nas teorias do psicólogo americano Daniel Goleman, autor do best-seller *Inteligência Emocional*. "O sucesso é 20% de talento e 80% de equilíbrio", diz ela, que não é a primeira profissional de sua área a trabalhar na seleção. Em 1958, o psicólogo João Carvalhaes ficou famoso por concluir que Garrincha era incapaz de servir ao time. Suzy acha que tem receitas para não cometer erros como esse e evitar problemas como o chique de Ronaldinho na decisão da Copa da França:

Veja — O que uma profissional como a senhora poderia fazer para tratar do colapso emocional de Ronaldinho na final da Copa?

Suzy — Não podemos deixar a coisa chegar a esse extremo. Vou traçar um perfil emocional detalhado de cada um dos jogadores da seleção. Com essas informações e acompanhando o dia-a-dia dos atletas, é possível antecipar desvios de comportamento e tratar o problema antes que ocorra um pico de descontrole. Ronaldinho costuma ser alegre. Quando entra em campo cabisbaixo, ombros caídos e andando mais lentamente, como ocorreu naquela final, há algo de errado.

Veja — Nem os próprios colegas de Ronaldinho notaram algo de errado em seu comportamento antes do ataque nervoso. A senhora seria mesmo capaz de antecipar esse problema?

Suzy — Em alguns casos, é possível que um atleta calmo chegue a um estado de stress nervoso sem dar nenhum sinal externo de descontrole. Mas são exceções. Confesso que também fiquei surpresa com a reação de Ronaldinho. Considero-o um exemplo de estabilidade emocional. Basta olhar sua carreira. Ele foi capaz de se adaptar rapidamente e fazer sucesso nos diversos países em que atuou. Além disso, possui uma dose adequada de autoconfiança, sabe aonde quer chegar e mantém um ótimo relacionamento com os colegas.

Veja — E o que aconteceu, afinal?

Suzy — Uma coisa ficou evidente: quando ocorreu o problema, a comissão técnica procurou fazer o melhor. Levou-o para um hospital, onde foi produzido um minucioso diagnóstico sobre o estado do jogador. Clinicamente, ele estava bem, mas e emocionalmente? Ninguém poderia saber, pois não havia nenhum psicólogo na delegação. A CBF contava na época apenas com os serviços do engenheiro químico Evandro Mota, que foi à França com a proposta de dar palestras de motivação. Mas não seria importante ter um especialista para ajudar o técnico a tomar a decisão correta no dia da final? A resposta é sim. Por isso foi criado o cargo de psicóloga na comissão técnica.

Veja — A senhora é a primeira mulher a fazer parte da seleção brasileira. Como espera ser recebida nesse ambiente machista?

Suzy — Quando sou apresentada aos jogadores, muitos deles me olham como se eu fosse um grande ponto de interrogação. Acham que não são malucos para ser tratados por uma psicóloga. Mas quebro o gelo rapidamente. Falo sobre como a preparação mental influi nos resultados de atletas de alto nível, cito o exemplo do jogador de basquete Michael Jordan e o do nadador Alexander Popov. Num outro momento, chamo um dos jogadores para dançar comigo uma música lenta. O escolhido normalmente fica com as mãos frias e úmidas. É uma maneira de mostrar a eles como as reações emocionais alteram a fisiologia do corpo. Em competições esportivas de alto nível, não adianta apenas ser um craque e estar bem fisicamente. Um bom desempenho depende 20% de talento e 80% de preparo psicológico. Essa é a base da teoria da inteligência emocional, linha de pesquisa que adoto em meu trabalho. O atleta emocionalmente inteligente é aquele que consegue ter o controle das emoções, não deixar que elas afetem seu desempenho. Quando demonstro como isso pode melhorar o rendimento em campo, os jogadores passam a me respeitar.

Veja — A senhora acredita nos manuais de auto-ajuda?

Suzy — Considero-me uma pessoa que tenta desvendar a mente daqueles que conseguem resultados espetaculares no esporte. Sigo a teoria da inteligência emocional formulada pelo professor Daniel Goleman. É uma linha de pensamento com base científica, ao contrário da neurolingüística. Mas não acho os conselhos de auto-ajuda totalmente inúteis. É uma área que pode ajudar as pessoas por meio de um posicionamento mais positivo diante da vida.

Veja — Antes da Copa de 58, o primeiro psicólogo a fazer parte da seleção, João Carvalhaes, submeteu Garrincha a um teste psicotécnico e chegou à conclusão de que ele era um idiota, incapaz de fazer parte do time. Com a senhora, o Garrincha teria chances de jogar?

Suzy — Os psicólogos daquela época, como o doutor Carvalhaes, faziam esse tipo de avaliação apenas com base no QI do jogador. É uma técnica ultrapassada. O QI mede apenas a capacidade intelectual de uma pessoa, ou seja, sua facilidade de expressão, sua capacidade de raciocínio lógico. Garrincha não precisava de nada disso para chutar uma bola. Apesar do QI baixo, ele possuía uma habilidade extraordinária, capaz de compensar qualquer tipo de deficiência. Hoje, não corro o risco de fazer o mesmo julgamento, pois as avaliações psicológicas levam em conta não só o intelecto do atleta, mas também outros tipos de inteligência, como a motora e a emocional. É claro que o ideal é o jogador apresentar um equilíbrio entre todas essas qualidades. Fora de campo, Garrincha era um desastre. Morreu triste, com problemas de alcoolismo. Atualmente, a psicologia tem instrumentos para ajudar atletas descontrolados. É possível alfabetizar emocionalmente um jogador, condicionando-o a dosar melhor e a equilibrar suas emoções.

Veja — **Jogadores como Júnior Baiano e Edmundo, famosos por seu temperamento instável, têm salvação?**

Suzy — Trabalhei com Edmundo e posso garantir que ele está evoluindo. Esse atleta já sentiu na pele o quanto o aspecto emocional interferiu na evolução de sua carreira. Trata-se de uma pessoa com uma agressividade natural, que necessita usar sua força exclusivamente para disparar em direção ao gol. Quando perde o foco dessa energia, acaba arrumando confusões. Não seria correto mudar seu temperamento, pois sua gana de vencer é um dos fatores que o fazem se destacar. Edmundo precisa apenas domesticar melhor o "animal" que há dentro dele. Estou certa de que o jogador está refletindo sobre isso e tem procurado melhorar. Prova dessa mudança é o episódio ocorrido durante um amistoso realizado no Maracanã antes da Copa. Edmundo levou um tapa de um argentino e não reagiu. Foi uma demonstração de maturidade emocional.

Veja — **Em seu livro, Competência Emocional, a senhora cita um caso ocorrido nas últimas Olimpíadas de Atlanta. O goleiro da seleção, Dida, falhou numa saída no jogo contra o Japão, e Zagallo exibiu para o jogador uma fita de vídeo com a cena do gol. Mesmo assim, Dida voltou a repetir o mesmo erro na partida seguinte, contra a Hungria. Estava errada a atitude do técnico?**

Suzy — Cada pessoa precisa ser tratada de uma forma diferente. Alguns reagem bem a críticas. Você mostra o erro e ficam claros para o jogador quais os pontos que precisam ser melhorados. Já outros atletas absorvem mal e ficam muito preocupados, martelando na cabeça que não conseguiram atender à expectativa do técnico. É uma atitude muito negativa. O erro vai ficar gravado na cabeça do jogador e é bem provável que ele o repita em outra ocasião. O indicado, num caso como esse, é não enfatizar demais a falha para o atleta, e sim indicar quais as alternativas de jogadas que ele poderia ter escolhido.

Veja — **Como explicar reações descontroladas de jogadores aparentemente afáveis, caso de Leonardo, que fraturou o rosto de um americano com uma cotovelada na Copa dos Estados Unidos?**

Suzy — É importante que um jogador tenha uma base cultural mais elevada, domine outros idiomas, pois consegue relacionar-se melhor, tem uma consciência maior de seu papel na sociedade. Mas, mesmo tendo bons recursos intelectuais, pode acabar prejudicando a carreira se não tiver controle emocional. Entra em campo nervoso e atinge o adversário com uma cotovelada. O importante é que, logo depois desse episódio, Leonardo reconheceu aquele momento de

descontrole e procurou evoluir, até conseguir disputar outra Copa, em que teve um comportamento exemplar. Mesmo assim, seu único momento de descontrole vai ficar marcado para sempre. Quanto maior for o destaque do atleta, mais o público vai estar atento a suas reações. Basta lembrar o episódio da mordida de Mike Tyson na orelha de Evander Holyfield. Ainda que Tyson conquiste outra série impressionante de títulos, aquela imagem vai ficar marcada para sempre na lembrança dos torcedores.

Veja — A carreira do treinador Wanderley Luxemburgo é marcada por atritos com os principais jogadores dos times que ele dirigiu, casos de Edmundo, Romário e Marcelinho. Não é um histórico preocupante para alguém que só vai lidar com estrelas na seleção?

Suzy — Em grupos de trabalho, em qualquer tipo de atividade, sempre vai haver algum problema de relacionamento. O Wanderley tem uma filosofia de trabalho. Ele é uma pessoa muito preocupada em aumentar o grau de profissionalismo e reduzir o nível de indisciplina dos times que administra. Sua proposta é clara. O mais importante não são os problemas que ele enfrentou com jogadores e sim a maneira como gerenciou os atritos. Foram soluções satisfatórias, tanto é que esses mesmos jogadores mantêm um bom relacionamento hoje com o treinador.

Veja — Certa vez, quando dirigia o Palmeiras, Luxemburgo chamou o Edmundo para a briga. É a melhor maneira de resolver um problema de relacionamento?

Suzy — Não vou fazer comentários sobre esse caso. Quando o Wanderley toma determinadas atitudes, acredito que sejam para proteger sua filosofia de trabalho. Se olharmos sua trajetória, vamos notar que ele tem um estilo de liderança corajoso. Chega aos clubes e transforma o ambiente, cria um novo organograma de trabalho e incrementa o departamento de futebol. É um líder nato e seu padrão normal é o de uma pessoa equilibrada. Quanto mais ele desenvolver essa capacidade de liderança, mais vai precisar controlar suas emoções.

Veja — Existe uma fórmula para domar vaidades dentro de um time de futebol?

Suzy — É possível gerenciar melhor os relacionamentos. Em nenhuma área, ninguém escolhe com quem vai trabalhar. Atletas que não têm nenhuma afinidade e fazem parte da mesma equipe podem manter uma boa convivência. Eles precisam conscientizar-se de que não é a afinidade pessoal que deve prevalecer e sim o objetivo coletivo. Os jogadores não precisam ser amigos para formar um grupo vitorioso. Basta ter respeito profissional e confiança.

Veja — A senhora não atribui uma importância exagerada ao fator equilíbrio emocional? Como explicar os resultados de atletas temperamentais como o craque Maradona e o tenista John McEnroe?

Suzy — É preciso não confundir equilíbrio emocional e a má imagem que alguns atletas formam diante da torcida. Veja o caso de McEnroe. Diante do público, era um desequilibrado, quebrador de raquetes. Mas foi vitorioso por um motivo simples: ele conseguiu canalizar essa agressividade como uma força extra para superar os adversários. Sua raiva do juiz se transformava em saques cada vez mais fortes, mais eficientes. Mas é lógico: embora não seja capaz de determinar um bom ou mau resultado, a imagem que um atleta projeta para a torcida tem sua importância, principalmente num mundo onde se depende cada vez mais de contratos publicitários. Sem falar na responsabilidade social de um ídolo, cuja imagem serve de modelo para muitas pessoas. Além de ser equilibrado, ele

precisa parecer equilibrado.

Veja — A senhora tem uma admiração especial pelo piloto Ayrton Senna. Serve de exemplo de equilíbrio emocional uma pessoa que morreu porque perdeu a medida de seus limites?

Suzy — Ayrton é meu ídolo. Seu exemplo até hoje continua me ensinando o caminho da vitória. Ele escolheu praticar o automobilismo, uma atividade muito mais arriscada do que entrar em campo para jogar futebol. Viver com esse risco presente é uma coisa muito forte. Chegar a um alto nível de competitividade numa atividade extremamente perigosa é algo sobre-humano. Nos dias que antecederam o acidente fatal, Senna estava muito sensibilizado para os problemas de segurança na categoria. Esse papel de liderança que ele começava a exercer demonstra claramente seu amadurecimento emocional.

Veja — Como lidar com jogadores que nasceram na favela e, num instante, se transformam em milionários e saem andando por aí com carrões importados?

Suzy — Na Pré-História, a principal manifestação de poder dentro de um grupo social era a força física. Depois, houve o poder dos títulos, reis, princesas, condes. Nos tempos modernos, o poder ficou centrado no capital. Dirigir um carro importado é exibir um símbolo do poder do capital. Em sua carreira, um jogador passa por esses três estágios. Ele começa a se destacar de um grupo por sua forma física, sua habilidade. Depois, adquire um título. Jogar no Corinthians, ou em outro clube grande, equivale a um título de nobreza. Quando começa a ganhar dinheiro, exibe o capital comprando um carro importado. Os atletas que possuem um núcleo familiar estruturado lidam tranqüilamente com essa ascensão social. Quem não tem esses vínculos tende a cometer exageros.

Veja — Os jogadores não vivem muito ausentes da realidade?

Suzy — Os atletas têm um nível alto de solicitação e uma vida muito desconstruída. Eles perdem o contato com a família. Não vão à reunião da escola, não estão presentes no nascimento do filho. Tudo porque trabalham nos finais de semana, momento que nossa sociedade tradicionalmente adota para esse tipo de convívio. Nos raros momentos em que estão em casa, os jogadores precisam descansar, pois foram submetidos a uma carga física muito intensa. É uma rotina complicada.